



Sector Agro-alimentar

Produção de vinho cai mais de 20%

Vindimas registaram uma redução de 1,5 milhões de hectolitros. Prejuízos em algumas regiões chegam a cinco milhões de euros

SARA RIBEIRO
sara.ribeiro@sol.pt

ESTE ANO a colheita trouxe um amargo de boca aos produtores de várias regiões do país. Segundo os últimos dados do Instituto da Vinha e do Vinho (IVV), estima-se que a produção de vinho atinja um volume de 5,6 a 5,9 milhões de hectolitros, uma diminuição de 17 a 22% face ao ano passado. Beira Interior, Dão, Douro e Tejo foram as regiões mais afectadas, com quedas superiores a 22%. Só a Madeira, os Açores e o Minho escaparam à tendência.

As condições climáticas são a principal razão para a redução da produção. Em causa estão os níveis elevados de humidade e de calor registados entre Abril e Junho, que propiciaram o desenvolvimento de focos de míldio (fungo que ataca o cacho da videira), detalha o IVV, organismo do Ministério da Agricultura.

Apesar da queda nas vindimas, as principais associações e produtores asseguram que a qualidade das uvas não foi afectada. Contudo, em alguns casos, vai reflectir-se em prejuízos financeiros. Como explica António Saraiva, presidente da Associação de Empresas de Vinho do Porto, «tendo sido um ano em que foi necessário aplicar vários tratamentos à vinha, e não obstante uma real quebra na produção, certamente que o eventual aumento no preço das uvas não conseguirá compensar a perda de rendimento

VOLUME
A produção de vinho atingiu um volume de 5,6 a 5,9 milhões de hectolitros, uma redução entre 17 e 22% face ao ano passado

PREÇOS
Os produtores garantem que não vão aumentar os preços, apesar dos prejuízos, e dizem ter quantidades suficientes para responder à procura

EM 2010 o sector nacional produziu 7,1 milhões de hectolitros, número só comparável à vinificação atingida nas vindimas de 2006, quando foram produzidos 7,5 milhões de hectolitros

to dos viticultores, dado que a região demarcada do Douro continua a produzir uma quantidade de vinho superior à procura nas Denominações de Origem Protegida».

Já o presidente da Comissão Vitivinícola Regional do Tejo, José Pinto Gaspar, diz que as vindimas se traduziram «numa óptima qualidade tanto nos vinhos Brancos, como Rosés e Tintos, superior a 2010». Mas «há avultados prejuízos na Região, que grosso modo poderemos computar em cerca de cinco milhões de euros».

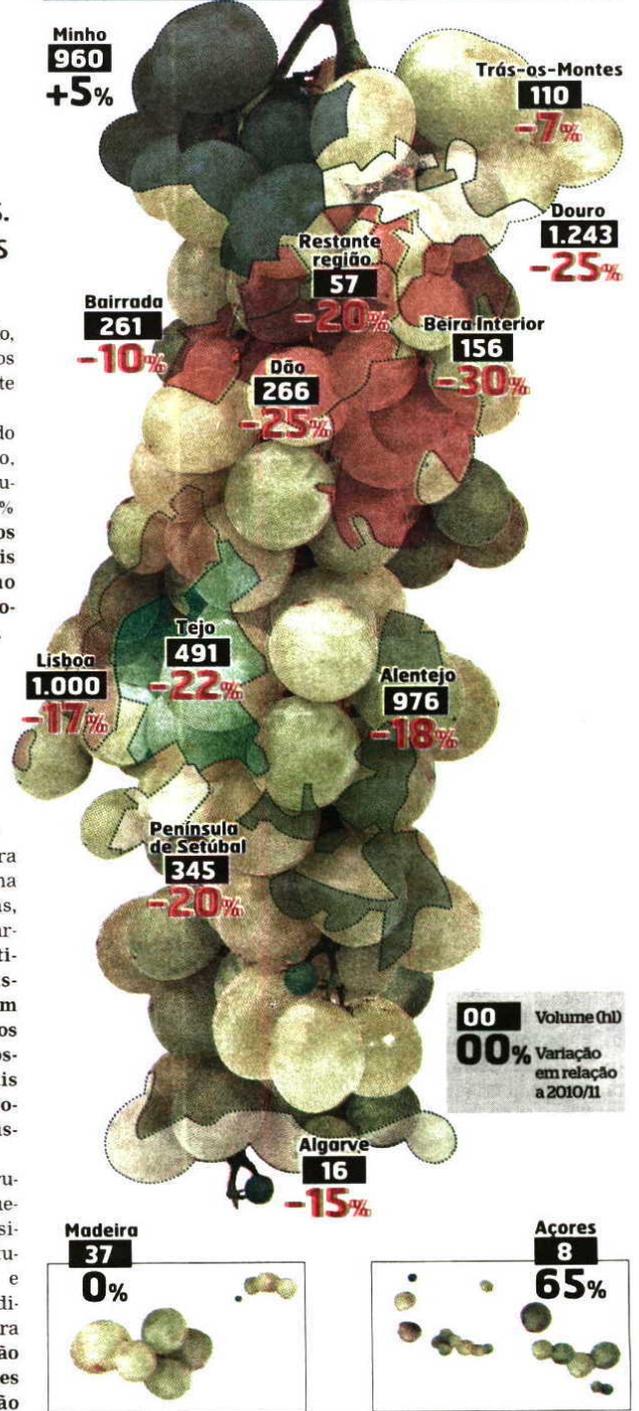
Os produtor garante, contudo, que não vai aumentar os preços e assegura ter oferta suficiente para cobrir a procura.

O administrador-delegado do grupo alentejano Esporão, João Roquette, admite que houve uma quebra de cerca de 10% na produção, «mas em termos gerais não há limitações, pois comprámos uvas e vinho para ajustar o plano de produção às necessidades». Quanto a eventuais prejuízos, revela que «estamos a antever um preço por litro ligeiramente superior a 2010, o que terá impacto na margem bruta em cerca de 1,5%».

No caso da Favaiais, do grupo Viborel, houve uma quebra ligeira em relação à vindima anterior (cerca de 13%). Mas, como lembra o enólogo da marca, Miguel Ferreira, «2010 tinha sido uma vindima bastante generosa. Portanto, em termos quantitativos tivemos uvas suficientes para as nossas necessidades comerciais e não teremos qualquer problema de escassez para satisfazer a procura».

Para a Sogrape, o maior grupo de vinhos português, a quebra nestas vindimas não foi significativa. No que toca a futuros aumentos de preços e prejuízos, Miguel Pessanha, director de Enologia e Viticultura da Sogrape, diz apenas que «não se prevêem este ano grandes alterações em comparação com os anos anteriores».

Previsão campanha 2011-2012



FONTE: Instituto da Vinha e do Vinho

Osvaldo Rocha

JOSÉ SÉRGIO

A close-up photograph of a bunch of dark, ripe grapes, likely from a wine vineyard. The grapes are dark purple/black and have a slightly glossy texture. The background is dark and out of focus.

Produção de vinho cai mais de 20%

ESTE ano as vindimas registaram uma redução de 1,5 milhões de hectolitros. Beira Interior, Dão, Tejo e Alentejo foram as regiões mais afectadas. Em algumas zonas prejuízos chegam aos 5 milhões de euros. ■ PÁG. 23